



Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016

PNAD
contínua

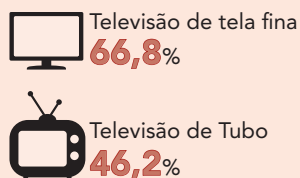
ISBN 978-85-240-4445-8
© IBGE, 2018

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua contemplou, no quarto trimestre de 2016, o tema complementar Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC¹, com foco nos aspectos de acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. A investigação se realizou de duas maneiras: as informações relacionadas aos domicílios particulares

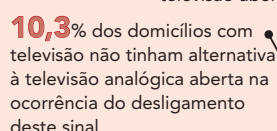
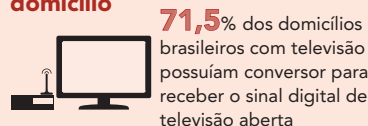
permanentes foram obtidas por meio de um bloco de perguntas próprias do tema TIC, quando da captação dos dados sobre Habitação; e as informações relacionadas às pessoas de 10 anos ou mais de idade, por meio de questionário específico do tema TIC. Os principais resultados dessa investigação, estruturados em duas partes, são apresentados a seguir.

Televisão no Brasil em 2016

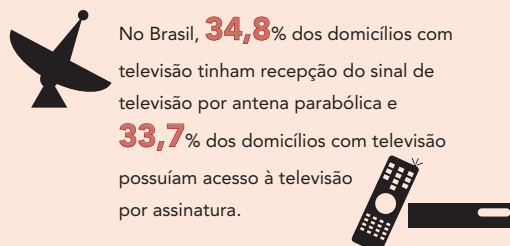
Domicílios com televisão



Sinal digital de televisão aberta no domicílio



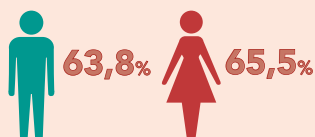
Tecnologia de recepção de sinal no domicílio



Internet no Brasil em 2016 (1)

Utilização da Internet

64,7% das pessoas de 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet.



Cerca de **85%** dos jovens de 18 a 24 anos de idade e **25%** das pessoas de 60 anos ou mais de idade utilizaram a Internet.

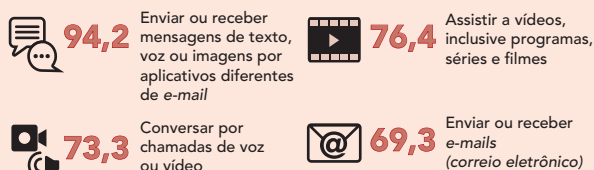
Cerca de **75%** das pessoas de 10 anos ou mais de idade que não acessaram a Internet, não o fizeram por não saberem usá-la ou por falta de interesse.

(1) Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet em qualquer local.

Equipamento utilizado para acessar a Internet (%)



Finalidade do acesso à Internet (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

¹ As tabelas de resultados, as notas técnicas e demais informações sobre a pesquisa encontram-se disponíveis no portal do IBGE na Internet, na página da PNAD Contínua, no endereço: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=19937&t=sobre>>.

Domicílios particulares permanentes

Existência de televisão no domicílio

Os resultados da pesquisa realizada no último trimestre de 2016 confirmaram que a posse de televisão já estava praticamente universalizada nos domicílios particulares permanentes do País – somente 2,8% do total de 69 318 mil domicílios não a possuíam. A Região Norte apresentou o maior percentual de domicílios sem televisão (6,3%), seguida das Regiões Nordeste (3,8%) e Centro-Oeste (3,1%).

As televisões de tubo catódico já deixaram de ser fabricadas no País, mas a existência de aparelhos construídos com essa tecnologia antiga ainda era elevada nos domicílios com televisão. Em 46,2% deles existia televisão de tubo, independentemente de haver, ou não, o aparelho de tela fina (LED, LCD ou plasma). Esse percentual ultrapassou 40% em todas as Grandes Regiões, variando de 41,1%, na Sudeste, a 54,3%, na Nordeste.

Nos domicílios com televisão, a parcela daqueles que possuíam aparelho de tela fina foi de 66,8%, alcançando percentual máximo na Região Sudeste (73,8%) e mínimo na Região Nordeste (54,2%). Em todas as Grandes Regiões, o percentual de domicílios com te-

levisão de tela fina suplantou consideravelmente o de domicílios com televisão de tubo, exceto na Nordeste, onde ambos ficaram no mesmo patamar.

No País, em 13,0% dos domicílios com televisão havia os dois tipos, de tubo e tela fina. Esse percentual foi destacadamente mais elevado na Região Sul (18,9%), seguida da Região Sudeste (14,9%), e variando de 8,5% a 9,7%, nas demais.

Nos domicílios com televisão, a parcela em que havia somente televisão de tela fina superou a daqueles que tinham somente televisão de tubo em todas as Grandes Regiões, exceto na Nordeste, onde esses resultados foram praticamente iguais (45,7% e 45,8%, respectivamente).

No total de domicílios com televisão do País (67 375 mil) existiam 102 633 mil televisões, das quais 63,4% eram de tela fina e 36,6%, de tubo. Em todas as Grandes Regiões houve predominância das televisões de tela fina, que foi maior na Região Sudeste (68,3%) e menor na Região Nordeste (53,9%).

O Brasil ainda tinha 37,6 milhões de televisões de tubo, que precisariam de adaptação para receber o sinal digital de televisão aberta. Esses resultados mostraram que as televisões de tubo continuavam a existir com participação expressiva nos domicílios em geral.

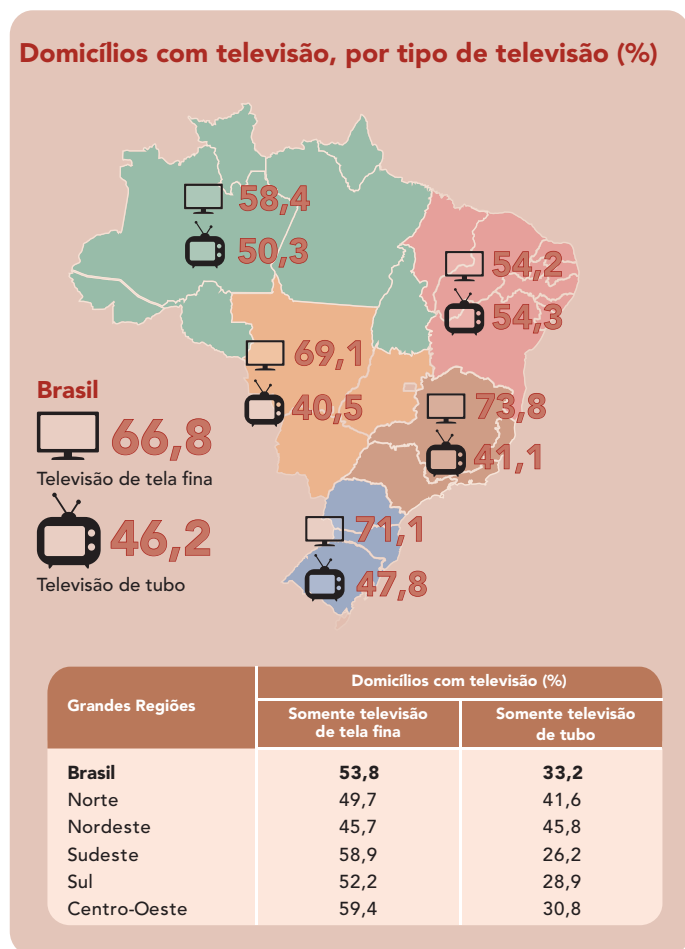
Sinal digital de televisão aberta

O acesso aos canais de televisão aberta por meio do sinal analógico, transmitido por antenas terrestres, encontra-se em processo gradual de extinção. Em seu lugar, vem sendo implantado o acesso com tecnologia digital. Quando a transmissão do sinal analógico for inteiramente desligada, as televisões sem conversor para receber o sinal digital ficarão sem acesso direto aos canais de televisão aberta, a não ser por meio de televisão por assinatura ou antena parabólica.

A pesquisa mostrou que havia televisão com conversor (integrado ou adaptado) para receber o sinal digital de televisão aberta, ainda que não o estivesse captando, em 48 192 mil domicílios, que representavam 71,5% dos domicílios particulares permanentes com televisão. As Grandes Regiões com resultados mais expressivos foram as Regiões Sudeste, com 78,6%, seguida das Regiões Sul e Centro-Oeste, ambas com valores em torno de 75%. Na Região Nordeste, esse indicador ficou em 59,1% e, na Norte, em 62,7%.

Os domicílios que tinham televisão com conversor que já estava recebendo o sinal digital de televisão aberta representavam 57,3% daqueles com televisão. Esse indicador alcançou o seu máximo na Região Sudeste (66,1%) e o mínimo na Região Nordeste (43,3%). Nas demais Grandes Regiões, foram registradas as seguintes proporções: Norte 46,3%; Sul, 58,9%; e Centro-Oeste, 61,8%.

Nos domicílios em que só havia televisão de tela fina, o percentual dos que tinham este aparelho com conversor, integrado ou adaptado, atingiu 92,7%. Nos domicílios em que somente existia



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

televisão de tubo, o percentual daqueles que tinham este aparelho com conversor restringiu-se a 29,3%. No caso dos domicílios que dispunham dos dois tipos de televisão, o percentual dos que tinham alguma televisão com conversor (91,5%) ficou próximo ao dos que possuíam somente aparelho de tela fina (92,7%). Nas Grandes Regiões, os resultados referentes aos domicílios com somente televisão de tela fina variaram de 90,2% a 94,3%, ficando mais próximos, portanto, do que os resultados daqueles com somente televisão de tubo, que oscilaram de 22,1% a 37,2%. Em ambos os casos, os menores percentuais foram registrados nas Regiões Norte e Nordeste, respectivamente.

Sinal de televisão por antena parabólica

A antena parabólica é um recurso para captar, via satélite, sinal de televisão em áreas que não são plenamente atendidas por meio de antenas terrestres, o que ocorre com mais frequência longe dos grandes centros ou em suas periferias. O uso de antenas parabólicas nessas áreas possibilita o acesso a mais canais de televisão aberta e com qualidade melhor.

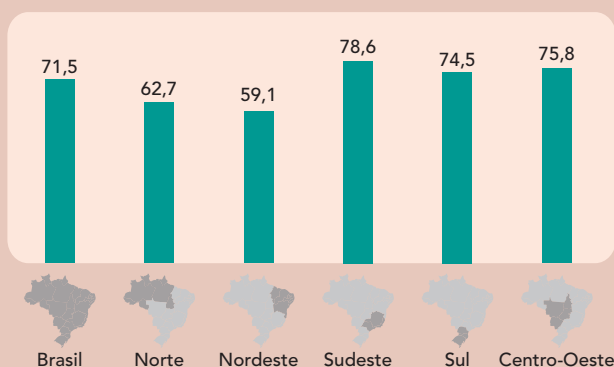
Os domicílios com recepção do sinal de televisão por antena parabólica correspondiam a 34,8% daqueles com televisão. Esse percentual foi mais elevado nas Regiões Norte (41,1%) e Nordeste (48,2%). O resultado da Região Sudeste (24,8%), por outro lado, foi quase a metade do observado na Região Nordeste, ficando ainda distante dos valores registrados nas Regiões Sul (35,9%) e Centro-Oeste (38,0%).

Serviço de televisão por assinatura

O serviço de televisão por assinatura dá acesso a um número variado de canais exclusivos, de acordo com o pacote contratado, além de receber canais de televisão aberta, inclusive o digital.

Esse serviço era utilizado em 33,7% dos domicílios com televisão no País, percentual semelhante ao registrado nos domicílios que tinham televisão com recepção por antena parabólica (34,8%). Entre as Grandes Regiões, os menores percentuais de domicílios que utilizavam o serviço de televisão por assinatura foram observados na Nordeste (18,4%) e na Norte (21,0%), enquanto a Sudeste (44,8%) alcançou o maior.

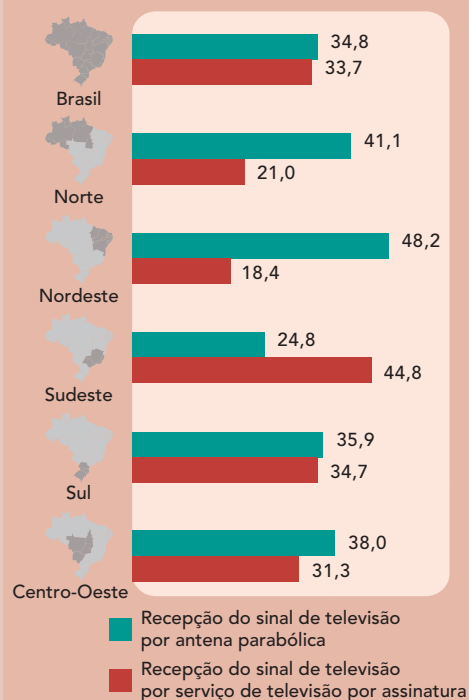
Domicílios com televisão com conversor para receber o sinal digital de televisão aberta, segundo as Grandes Regiões (%)



Domicílios com televisão com conversor para receber o sinal digital de televisão aberta, por tipo de televisão existente no domicílio, segundo as Grandes Regiões

Grandes Regiões	Total (%)	Tipo de televisão existente no domicílio (%)		
		Somente de tela fina	Somente de tubo	Tela fina e de tubo
Brasil	71,5	92,7	29,3	91,5
Norte	62,7	90,2	23,7	91,4
Nordeste	59,1	90,4	22,1	90,8
Sudeste	78,6	94,3	35,4	92,0
Sul	74,5	92,1	32,2	90,5
Centro-Oeste	75,8	93,1	37,2	93,2

Domicílios com televisão, por forma de recepção do sinal de televisão, segundo as Grandes Regiões (%)



Motivo principal de não haver serviço de televisão por assinatura

O preço do serviço de televisão por assinatura foi o fator determinante mais frequente para não o adquirir. No que concerne aos domicílios com televisão sem acesso a serviço de televisão por assinatura, mais da metade (55,5%) não o tinham por considerarem o serviço caro. O segundo principal motivo mais indicado foi não haver interesse pelo serviço (39,8%). Somente 2,3% desses domicílios não possuíam o serviço por este não estar disponível na área do domicílio.

Domicílios com televisão que não tinham alternativa à televisão analógica aberta na ocorrência do desligamento deste sinal

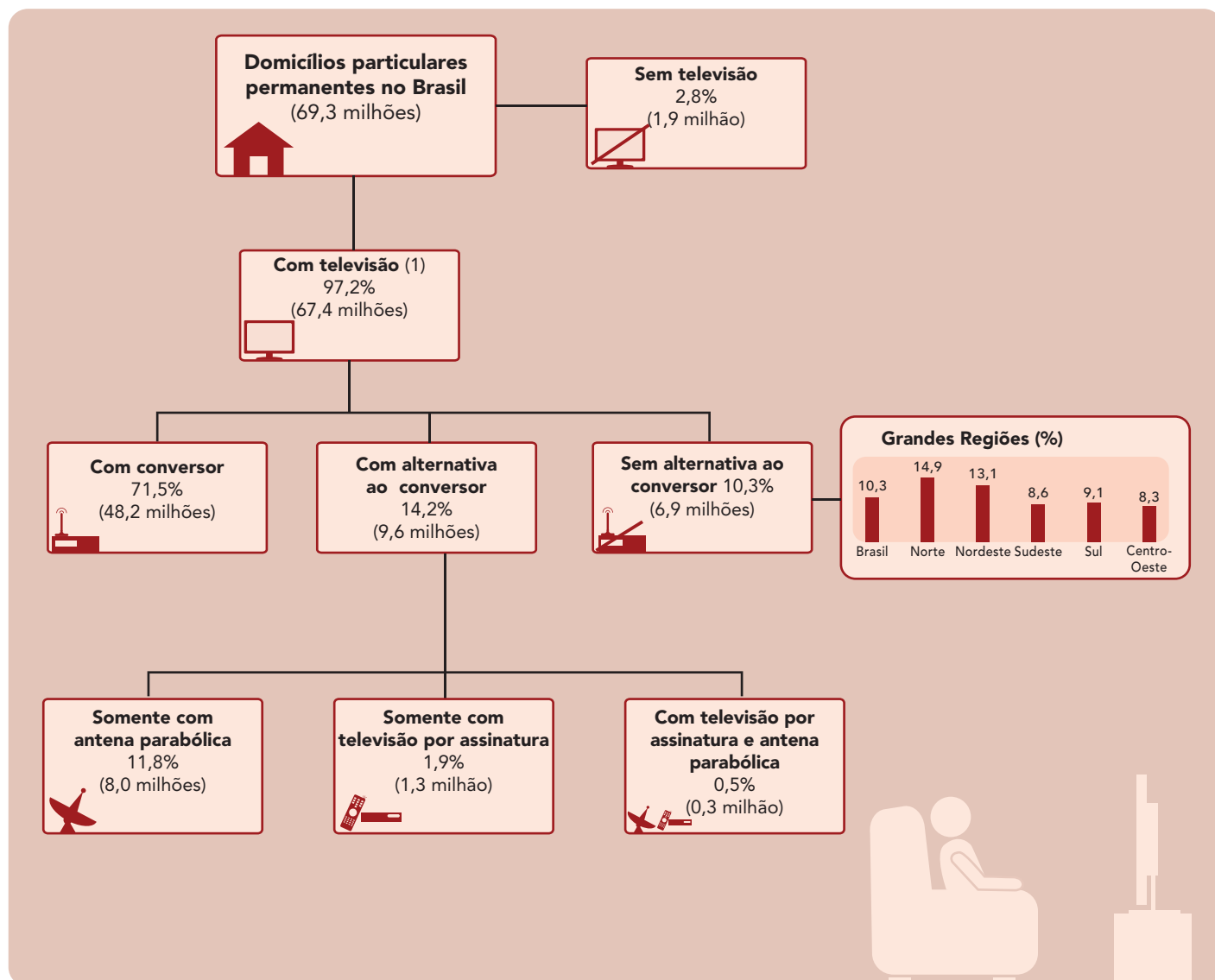
Cerca de 24,5% (16,5 milhões) dos domicílios com televisão no País não possuíam aparelho com conversor. Desse total, 9,6 milhões

contavam com alternativas ao acesso ao sinal digital de televisão aberta, seja por antena parabólica, seja por televisão por assinatura.

É importante conhecer, contudo, a parcela dos domicílios com televisão sem nenhuma forma de acesso ao sinal digital de televisão aberta, pois o sinal analógico está sendo gradualmente desligado.

Os domicílios com televisão sem conversor para receber o sinal digital de televisão aberta que não recebiam sinal de televisão por antena parabólica e nem tinham serviço de televisão por assinatura eram 6 934 mil, representando 10,3% dos domicílios com televisão.

Considerando o total de domicílios com televisão, o percentual daqueles sem nenhuma das três condições que possibilitam o acesso ao sinal digital de televisão aberta foi maior nas Regiões Nordeste (13,1%) e Norte (14,9%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

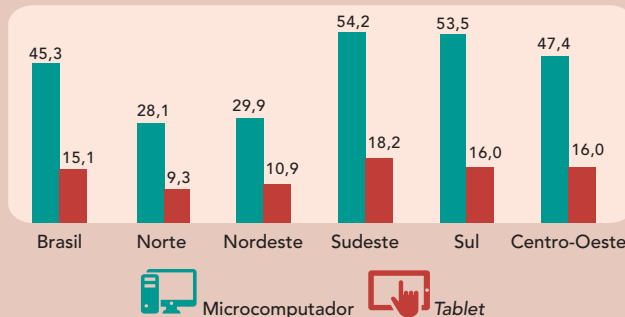
(1) Inclusive os domicílios em que não se sabia se havia televisão com conversor para receber sinal digital de televisão aberta.

Existência de microcomputador e de tablet no domicílio

Constatou-se a existência de microcomputador em 45,3% (31 377 mil) dos domicílios particulares permanentes do País. Nas Grandes Regiões, os resultados desse indicador podem ser estruturados em três níveis: o primeiro formado pelas Regiões Norte (28,1%) e Nordeste (29,9%); o segundo, pela Região Centro-Oeste (47,4%); e o terceiro constituído pelas Regiões Sul (53,5%) e Sudeste (54,2%).

Os domicílios com existência de tablet (10 488 mil) representaram cerca de 1/3 daqueles que dispunham de microcomputador. Nas Grandes Regiões, o Sudeste apresentou o percentual mais elevado de domicílios com tablet (18,2%), enquanto o Norte, o menor (9,3%).

Domicílios com microcomputador e domicílios com tablet, segundo as Grandes Regiões (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Existência de telefone no domicílio

A pesquisa revelou que somente em 5,4% dos domicílios particulares permanentes do País não havia qualquer tipo de telefone. A ausência desse meio de comunicação foi mais elevada nos domicílios das Regiões Nordeste (10,0%) e Norte (10,7%). Em patamar nitidamente inferior ficaram as Regiões Centro-Oeste (2,4%), Sul (3,0%) e Sudeste (3,2%).

Enquanto o telefone fixo convencional existente no domicílio é um meio de comunicação normalmente de uso comum dos respectivos moradores, o telefone móvel celular, geralmente, é de uso individual e permite a sua utilização dentro e fora do espaço da moradia.

Observou-se a existência de telefone móvel celular em 92,6% dos domicílios do País. Nas Grandes Regiões, esse percentual variou de 88,7%, no Norte, a 96,8%, no Centro-Oeste.

O telefone fixo convencional estava presente em cerca de 1/3 dos domicílios do País. Considerando as Grandes Regiões, a Sudeste apresentou o maior percentual de domicílios com esse tipo de equipamento (49,1%), ao passo que a Norte, o menor (11,5%).

Cabe ainda ressaltar que a parcela dos domicílios em que existia somente telefone fixo convencional foi extremamente baixa (2,0%), sendo o percentual máximo registrado na Região Sudeste (3,0%). Por outro lado, a parcela dos domicílios em que havia somente telefone móvel celular alcançou 60,9%. Nas Grandes Regiões, o indicador foi assim distribuído: Sudeste, 47,7%; Sul, 60,2%; Centro-Oeste, 67,9%; Nordeste, 76,3%; e Norte, 77,8%.

Domicílios, por existência de telefone fixo convencional e telefone móvel celular, segundo as Grandes Regiões

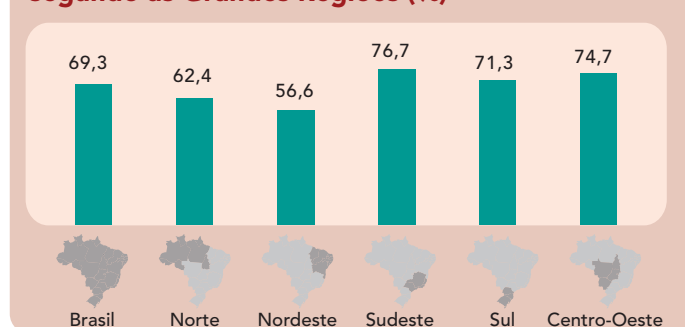
Grandes Regiões	Domicílios, por existência de telefone fixo convencional e telefone móvel celular (%)		
	Telefone fixo convencional	Telefone móvel celular	Somente telefone móvel celular
Brasil	33,6	92,6	60,9
Norte	11,5	88,7	77,8
Nordeste	13,8	89,2	76,3
Sudeste	49,1	93,7	47,7
Sul	36,8	94,7	60,2
Centro-Oeste	29,7	96,8	67,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Utilização da Internet no domicílio

Constatou-se que a Internet era utilizada em 69,3% dos 69 318 mil domicílios particulares permanentes do País, estando disseminada na maioria dos domicílios em todas as Grandes Regiões: na Sudeste, 76,7% das residências a possuíam; na Centro-Oeste, 74,7%; na Sul, 71,3%; na Norte, 62,4%; e na Nordeste, 56,6%.

Domicílios em que havia utilização da Internet, segundo as Grandes Regiões (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Principal motivo da não utilização da Internet no domicílio

Nos 21 247 mil domicílios do País em que não havia utilização da Internet, os motivos que mais se destacaram para não usá-la foram: falta de interesse em acessar a Internet (34,8%); o serviço de acesso à Internet era caro (29,6%); e nenhum morador sabia usar a Internet (20,7%). Dentre os menos citados, destacam-se: o serviço de acesso à Internet não estava disponível na área do domicílio (8,1%); e o equipamento eletrônico necessário para acessar a Internet era caro (3,5%).

Nas Grandes Regiões, o motivo que mais se destacou para a não utilização da Internet foi a falta de interesse em acessá-la, exceto na Nordeste, em que tal justificativa ficou em segundo lugar. O motivo mais apontado nessa Grande Região foi o de que o serviço de acesso à Internet era caro, que, por sua vez, foi o segundo mais indicado nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. A diferença entre os percentuais de participação desses dois motivos mais frequentes foi bastante acentuada nessas três Grandes Regiões (mais de 13 pontos percentuais). Exceto na Região Norte, o terceiro motivo mais frequente foi o de que nenhum morador sabia usar a Internet. Esse motivo foi o indicado em 16,8% dos domicílios em que não havia utilização da Internet na Região Norte, mas variou de 20,3% a 22,5%, nas demais Grandes Regiões. Cabe ressaltar que, na Região Norte, o serviço de acesso à Internet não estar disponível na área do domicílio foi o segundo motivo mais indicado (24,4%), cujo patamar ficou muito acima do observado nas demais Grandes Regiões. O serviço de acesso à Internet era caro foi o terceiro motivo mais frequente na Região Norte (22,1%).

Equipamentos de acesso à Internet no domicílio

Em 97,2% dos 48 070 mil domicílios em que havia acesso à Internet, o telefone móvel celular era utilizado para este fim. Em seguida, substancialmente abaixo, mas passando da metade dos domicílios em que havia acesso à Internet, estava o microcomputador (57,8%). O *tablet* foi usado para esse fim em 17,8% dos domicílios em que havia acesso à Internet, e a televisão, em 11,7%. Equipamento diverso foi utilizado para acessar a Internet em 620 mil domicílios, o que representou somente 1,3% das residências em que houve utilização dessa rede.

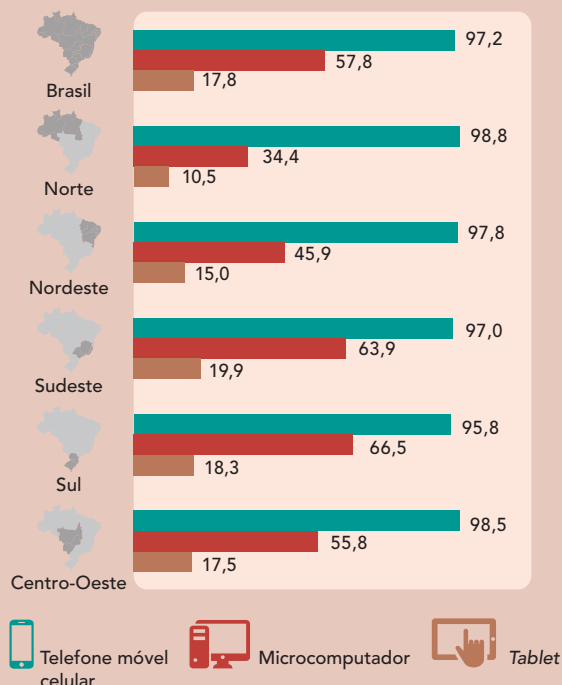
Como visto, nos domicílios em que havia acesso à Internet, o telefone móvel celular era utilizado para este fim em 97,2%, porém, em 38,6% deles, somente esse meio era utilizado para acessá-la.

Domicílios em que não havia utilização da Internet, por Grandes Regiões, segundo o motivo alegado

Motivo alegado	Domicílios em que não havia utilização da Internet (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Falta de interesse em acessar a Internet	34,8	26,8	27,6	41,5	41,3	38,4
Serviço de acesso à Internet era caro	29,6	22,1	34,8	28,0	26,8	24,0
Nenhum morador sabia usar a Internet	20,7	16,8	21,1	20,3	21,9	22,5
Serviço de acesso à Internet não estava disponível na área do domicílio	8,1	24,4	8,4	4,2	5,6	9,8
Equipamento eletrônico necessário para acessar a Internet era caro	3,5	6,4	4,6	2,6	1,6	2,2
Outro motivo	3,3	3,5	3,5	3,4	2,8	3,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Domicílios com acesso à Internet, por tipo de equipamento utilizado, segundo as Grandes Regiões (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Nas Grandes Regiões, em mais de 95% dos domicílios em que havia utilização da Internet, o telefone móvel celular era utilizado para tal fim. O menor percentual foi registrado na Região Sul (95,8%), enquanto o maior, na Região Norte (98,8%).

Como visto, em 57,8% dos domicílios em que havia utilização da Internet, o microcomputador era usado para este fim, entretanto, em somente 2,3% deles este equipamento era o único meio para acessá-la.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a utilização de microcomputador para acessar a Internet no domicílio situou-se em distintos patamares nas Grandes Regiões: a Região Norte foi a que apresentou o percentual mais baixo desse indicador (34,4%), ao passo que as Regiões Sudeste (63,9%) e Sul (66,5%), os mais altos.

O *tablet*, como visto, estava presente em 17,8% dos domicílios como meio de acesso à Internet na residência. Esse resultado representou menos de 1/3 do percentual de domicílios em que o microcomputador era usado para tal finalidade.

Nas Grandes Regiões, o percentual de domicílios em que havia utilização de *tablet* para acessar a Internet variou de 10,5%, na Região Norte, a 19,9%, na Região Sudeste.

O uso da televisão para acessar a Internet nos domicílios em que havia utilização da rede (11,7%) foi inferior ao uso do *tablet*, o que também ocorreu em todas as Grandes Regiões, cujos resultados foram assim distribuídos: Norte, 4,8%; Nordeste, 8,2%; Centro-Oeste, 11,3%; Sudeste, 13,3%; e Sul, 14,4%.

Tipo de conexão à Internet no domicílio

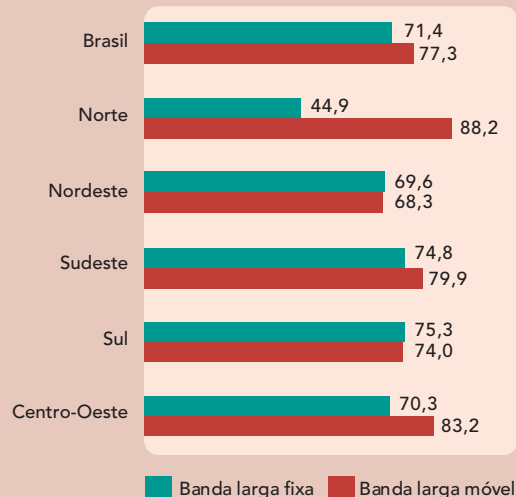
Nos domicílios em que havia utilização da Internet, a quase totalidade usava conexão por banda larga (99,7%), enquanto o uso da discada foi irrelevante (0,6%) no País. Essa situação foi semelhante em todas as Grandes Regiões.

No que concerne ao tipo de banda larga usada para acessar a Internet nesses domicílios, constatou-se que em 77,3% havia o uso da banda larga móvel (3G ou 4G), superando o da banda larga fixa (71,4%). Observou-se, ainda, que a conexão somente por banda larga fixa era usada em 21,2% dos domicílios em que havia utilização da Internet, enquanto a conexão somente por banda larga móvel, em 26,7%.

Nas Grandes Regiões, pôde-se perceber diferenças nesses indicadores. Na Região Norte, o percentual de domicílios em que havia conexão à Internet por banda larga móvel (88,2%) foi quase o dobro do referente à banda larga fixa (44,9%). Cabe destacar, ainda, que esses dois indicadores representam, respectivamente, o maior percentual de domicílios com conexão à Internet por banda larga móvel e o menor percentual de domicílios com conexão à Internet por banda larga fixa dentre todas as Grandes Regiões. Ainda que muito abaixo da ocorrida na Região Norte, a diferença observada entre esses dois indicadores também foi perceptível nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, sendo mais elevada nesta última. Nas Regiões Nordeste e Sul, o indicador referente à banda larga móvel foi um pouco menor que o da banda larga fixa.

Vale ressaltar que em quase metade (49,1%) dos domicílios em que havia acesso à Internet eram utilizados ambos os tipos de conexão por banda larga (fixa e móvel). Essa dupla utilização foi mais baixa nas Regiões Norte (33,5%) e Nordeste (38,2%) e abrangeu pelo menos a metade dos domicílios nas demais: 50,0% na Região Sul; 53,5% na Região Centro-Oeste; e 55,0% na Região Sudeste.

Domicílios em que havia utilização da Internet, por tipo de banda larga utilizada, segundo as Grandes Regiões (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

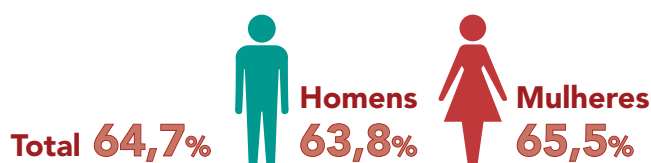
Pessoas de 10 anos ou mais de idade

A investigação da utilização pessoal da Internet, por qualquer meio e em qualquer local, abrangeu as pessoas de 10 anos ou mais de idade e focou na sua ocorrência pelo menos em algum momento, no período de referência dos últimos três meses, que foram os últimos 90 dias que antecederam a data da entrevista no domicílio.

Utilização da Internet pelas pessoas de 10 anos ou mais de idade

Na população de 179 424 mil pessoas de 10 anos ou mais de idade do País, 64,7% utilizaram a Internet no período de referência dos últimos três meses. Os menores percentuais foram observados nas Regiões Nordeste (52,3%) e Norte (54,3%).

No contingente masculino, a parcela que utilizou a Internet representou 63,8% e, no feminino, 65,5%. Nas Regiões Sudeste e Sul, não houve diferença significativa entre homens e mulheres relativamente a esse indicador. Nas demais, o indicador das mulheres superou o dos homens.



A utilização da Internet mostrou-se crescente com o aumento da idade, alcançando o máximo entre os adultos jovens de 18 a 24 anos de idade e declinando a seguir. No grupo etário de 10 a 13 anos, 66,3% das pessoas utilizaram a Internet e, nos grupos etários de 18 ou 19 anos e 20 a 24 anos de idade, os percentuais ficaram praticamente iguais (85,4% e 85,2%, respectivamente). Na faixa de 60 anos ou mais de idade, porém, o indicador decresceu para 24,7%. Tais resultados são um indicativo de que, na população adulta, o avanço no uso das tecnologias mais recentes tem impulso mais lento com o aumento da idade. Esse mesmo comportamento foi observado tanto entre os homens como entre as mulheres, sendo que os indicadores da parcela feminina superaram os da masculina em todos os grupos etários, exceto no de 60 anos ou mais de idade.

A estrutura etária da população de estudantes é mais jovem que a de não estudantes, e este é um dos fatores que pode causar reflexos sensíveis na utilização da Internet por esses dois contingentes.

Na população de 10 anos ou mais de idade do País, os estudantes representavam 20,7%. O contingente que utilizou a Internet na população estudantil (81,2%) foi substancialmente maior que na não estudantil (60,4%), e constatou-se diferença marcante (22,4 pontos percentuais) entre os indicadores, segundo a rede de ensino frequentada: a parcela dos que acessaram a Internet entre os estudantes da rede privada atingiu 97,4%, enquanto entre os da rede pública ficou em 75,0%.

O nível de instrução é outra característica que também influencia a utilização da Internet. A propensão das pessoas a utilizarem as novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como a Internet, tende a crescer com a elevação do nível de instrução.

Pessoas que utilizaram a Internet, por sexo, segundo a condição de estudante e a rede de ensino que frequentavam

Condição de estudante e a rede de ensino que frequentavam	Pessoas que utilizaram a Internet (%)		
	Total	Homens	Mulheres
Total	64,7	63,8	65,5
Estudantes	81,2	79,4	82,9
Rede pública	75,0	73,3	76,7
Rede privada	97,4	97,3	97,5
Não estudantes	60,4	59,6	61,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

No contingente de pessoas sem instrução, somente 11,2% utilizaram a Internet e, entre as que tinham o ensino fundamental incompleto, esse indicador subiu para 43,6%, continuando a aumentar com a elevação do nível de instrução: atingiu 97,1% no contingente de pessoas com o ensino superior incompleto e declinou para 95,7% entre aquelas com o superior completo. O resultado mais elevado para as pessoas com nível superior incompleto refletiu o fato de este grupo deter uma alta parcela de estudantes e possuir uma estrutura etária mais jovem do que o grupo das pessoas com nível superior completo.

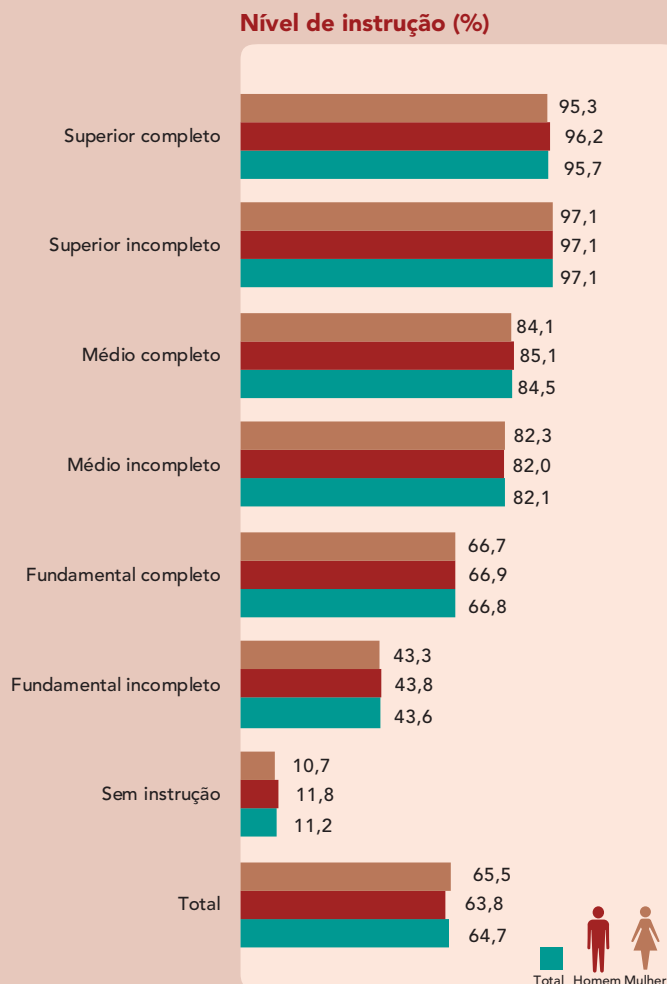
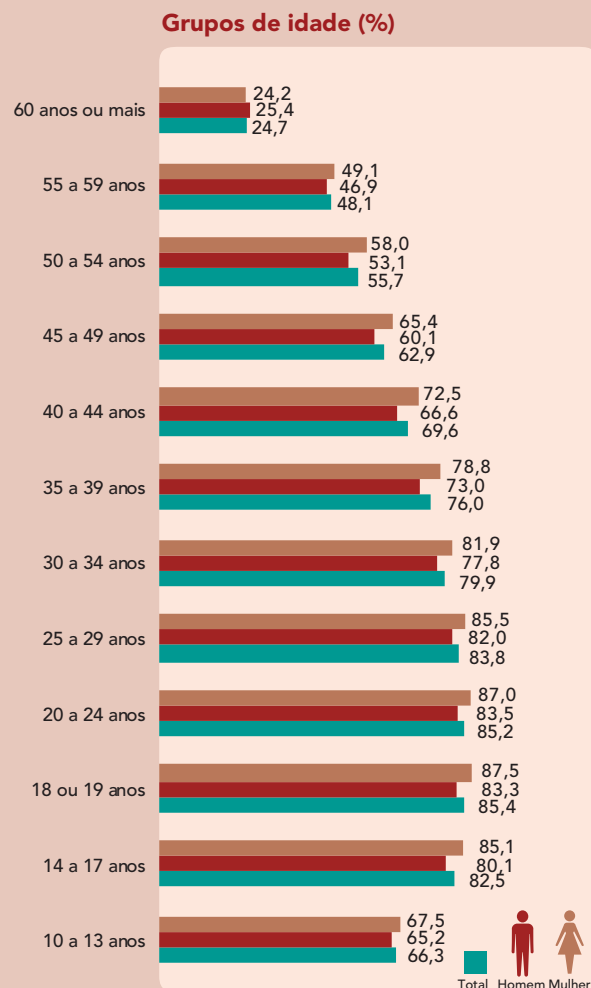
Não houve diferenças acentuadas entre os percentuais dos homens e mulheres que utilizaram a Internet, segundo o nível de instrução. Nos extremos, observa-se que a parcela das pessoas que acessaram a Internet no grupo sem instrução representou 11,8% no contingente masculino e 10,7% no feminino, enquanto no grupo com ensino superior completo abrangeu 96,2%, no contingente masculino e 95,3% no feminino.

A classificação das pessoas de 14 anos ou mais de idade² que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por situação de ocupação na semana de referência, mostrou que o trabalho é um diferencial relevante no uso dessa tecnologia.

Cabe lembrar que a investigação da utilização da Internet referiu-se ao seu uso em qualquer local. Assim, pela própria natureza de determinadas ocupações, o uso da Internet é imprescindível ou, pelo menos, um facilitador do trabalho. Por outro lado, ocupações que não demandam acesso à Internet não impedem que as pessoas a utilizem para outros propósitos.

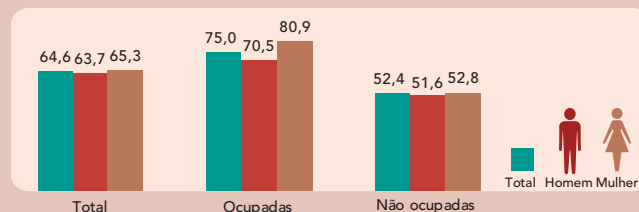
² A investigação sobre mercado de trabalho é realizada para as pessoas de 14 anos ou mais de idade.

Pessoas que utilizaram a Internet, por sexo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Pessoas que utilizaram a Internet, por sexo, segundo a situação de ocupação (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

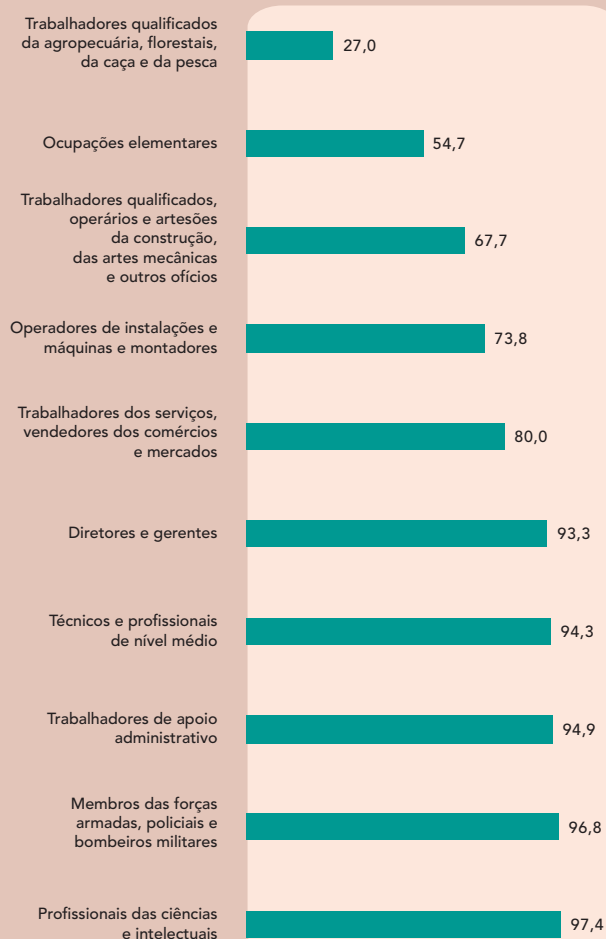
Nota: Pessoas de 14 anos ou mais de idade.

No contingente ocupado, $\frac{3}{4}$ das pessoas utilizaram a Internet, enquanto pouco mais da metade das não ocupadas o fizeram. A diferença entre os percentuais de pessoas que acessaram a Internet nas populações ocupada e não ocupada foi de 22,6 pontos percentuais. No contingente feminino, essa distância foi maior (28,1 pontos percentuais) que no masculino (18,9 pontos percentuais).

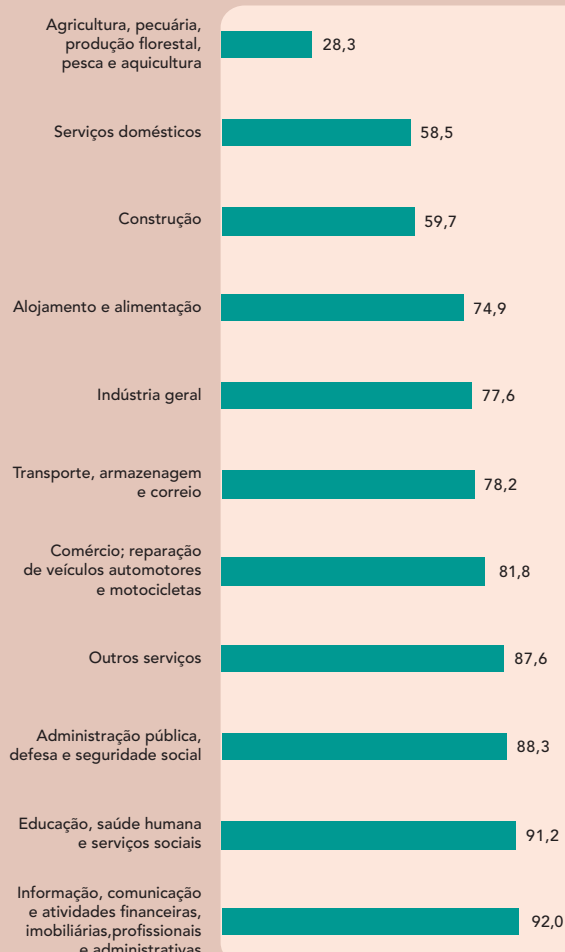
Observou-se que, no contingente ocupado, o percentual de mulheres que utilizaram a Internet suplantou o de homens em 10,4 pontos percentuais, enquanto no não ocupado a diferença se restringiu a 1,2 ponto percentual.

Pessoas ocupadas na semana de referência que utilizaram a Internet

Grupamentos ocupacionais no trabalho principal (%)



Grupamentos de atividade do trabalho principal (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.
Nota: Pessoas de 14 anos ou mais de idade.

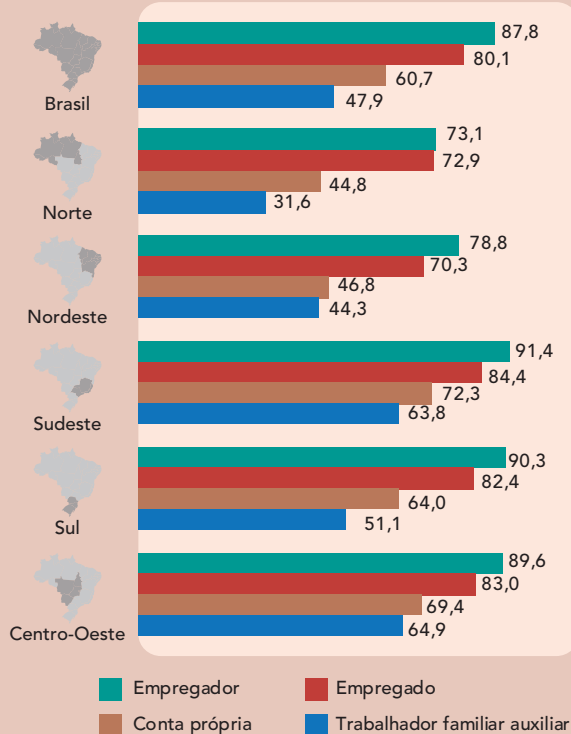
Na população ocupada de 14 anos ou mais de idade, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet atingiu 97,4% no grupamento dos profissionais das ciências e intelectuais, que reúne ocupações que demandam competências mais elevadas, normalmente exigindo maior nível de educação formal. A seguir, figuraram os membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares, com 96,8%. Além desses dois grupamentos, em três outros (trabalhadores de apoio administrativo, técnicos e profissionais de nível médio, e diretores e gerentes) observou-se, também, participação muito elevada de pessoas que utilizaram a Internet (acima de 93%). Enquanto nos cinco primeiros grupamentos o percentual de utilização foi declinando suavemente, nos seguintes, as quedas foram mais bruscas, especialmente a observada nos dois últimos: entre as pessoas com ocupações elementares, essa utilização situou-se em 54,7%, caindo para 27,0%

entre os trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca.

Considerando os grupamentos de atividade, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet foi mais elevado nos contingentes ocupados em atividades de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (92,0%) e da educação, saúde humana e serviços sociais (91,2%). Esse indicador foi gradualmente declinando até o grupamento de alojamento e alimentação (74,9%), tendo apresentado redução mais acentuada para o seguinte, que foi o da construção (59,7%), e mantendo-se, com pouca alteração, entre as pessoas ocupadas nos serviços domésticos (58,5%). Em seguida, registrando o valor mínimo desse indicador, correspondente a menos da metade do anterior, ficou o grupamento da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (28,3%).

No que concerne à posição na ocupação, a categoria que apresentou o menor percentual de pessoas ocupadas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, foi a dos trabalhadores familiares auxiliares (47,9%), enquanto a maior, a dos empregadores (87,8%). A categoria dos empregados também apresentou percentual elevado de pessoas que utilizaram a Internet (80,1%), muito superior ao observado entre os trabalhadores conta própria (60,7%). Em todas as Grandes Regiões ocorreu esse mesmo comportamento, mas, na Região Norte, o percentual da categoria dos empregados (72,9%) ficou praticamente igual ao dos empregadores (73,1%).

Pessoas ocupadas na semana de referência que utilizaram a Internet, em cada posição na ocupação no trabalho principal, segundo as Grandes Regiões (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.
Nota: Pessoas de 14 anos ou mais de idade.

Equipamento utilizado para acessar a Internet

O telefone móvel celular foi destacadamente o equipamento mais usado para acessar a Internet: na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou essa rede, 94,6% (109 818 mil pessoas). O segundo equipamento mais empregado foi o microcomputador, por 63,7% (73 973 mil pessoas). O percentual de pessoas que utilizaram os demais equipamentos para acessar a Internet foi muito menor, ficando em 11,3%, tratando-se da televisão, e 16,4%, no caso do *tablet*, enquanto o uso de outro equipamento eletrônico não alcançou 1%.

O emprego de mais de um equipamento para acessar a Internet foi predominante entre as pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a rede. Isso pode ser visto ao confrontar o percentual das que usaram cada equipamento com o percentual daquelas que utilizaram apenas um deles. No caso do telefone móvel celular, somente 33,4% do contingente que utilizou a Internet restringiu-se a acessá-la unicamente por meio desse equipamento. O indicador ficou em 0,1% para a televisão; 0,3% para o *tablet*; e 4,4% para o microcomputador.

O percentual de pessoas que utilizaram telefone móvel celular para acessar a Internet pouco diferiu entre as Grandes Regiões, variando de 93,1%, na Sul, a 96,5%, na Centro-Oeste. Com relação aos demais equipamentos, as diferenças entre os valores extremos dos indicadores aumentaram, sendo sempre os percentuais das Regiões Norte e Nordeste, nesta ordem, os menores.



Pessoas que utilizaram a Internet, por Grandes Regiões, segundo os equipamentos utilizados para acessar a Internet

Equipamentos utilizados para acessar a Internet	Pessoas que utilizaram a Internet (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Telefone móvel celular	94,6	95,7	94,8	94,5	93,1	96,5
Microcomputador	63,7	46,4	52,5	69,1	71,0	63,6
Tablet	16,4	10,4	13,8	18,3	16,9	16,9
Televisão	11,3	5,3	7,9	12,7	14,4	11,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Conexão utilizada para acessar a Internet

O uso da conexão discada, que já foi majoritariamente utilizada pelos usuários da Internet, tornou-se uma forma marginal de acesso à rede, frente à disponibilidade e vantagens da banda larga. Depois da banda larga fixa, com a chegada da conexão por meio das redes móveis celulares, a vantagem adicional da mobilidade foi oferecida aos usuários da Internet.

Os resultados mostraram que, dentre as pessoas de 10 anos de idade que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, foi insignificante a parcela que recorreu à conexão discada (0,9%), enquanto 99,6% acessaram a rede por banda larga, fixa ou móvel. A conexão por banda larga fixa foi usada por 81,0% dessas pessoas, enquanto a móvel, por 76,9%.

Constatou-se que é comum o uso de mais de um tipo de conexão, pois, das pessoas de 10 anos de idade que utilizaram a Internet, 21,5% o fizeram somente por banda larga fixa e 17,4%, somente por banda larga móvel.

O percentual de pessoas que utilizaram a conexão por banda larga fixa na Região Norte (63,3%) foi nitidamente inferior ao observado nas demais, que oscilaram entre 81% e 83%. Com relação ao acesso por banda larga móvel, o percentual registrado na Região Nordeste ficou no patamar mais baixo (65,1%), seguido pelo da Região Sul (75,6%), enquanto os demais superaram 80%.

A Região Norte destacou-se das demais por deter o maior percentual de pessoas que utilizaram a banda larga móvel para acessar a Internet (85,1%), e, conforme já indicado, o menor percentual de pessoas que usaram a banda larga fixa (63,3%), sendo de 21,8 pontos percentuais a diferença entre os dois indicadores. Na Região Nordeste, a diferença entre esses dois indicadores também foi elevada (16,3 pontos percentuais), mas a posição foi inversa, pois o percentual de pessoas que utilizaram a conexão por banda larga fixa foi o maior.

As diferenças entre os percentuais de homens e de mulheres que acessaram a Internet, tanto por banda larga fixa como móvel, não foram expressivas.

Finalidade do acesso à Internet

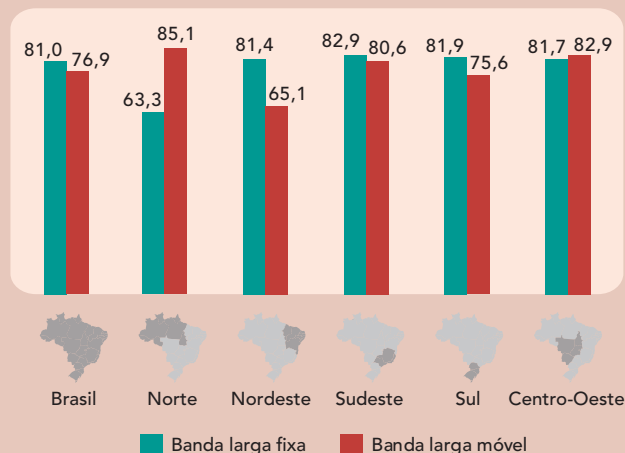
Dentre as finalidades do acesso à Internet investigadas, a que mais se destacou foi a de enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de *e-mail*, indicada por 94,2% das pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet. Assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, foi apontada por 76,4% dessas pessoas, vindo logo em seguida conversar por chamadas de voz ou vídeo (73,3%) e, por último, enviar ou receber *e-mail* (69,3%).

Nas Grandes Regiões, os resultados do percentual de pessoas que utilizaram a Internet para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de *e-mail* mantiveram-se próximos e em nível destacado das demais finalidades.

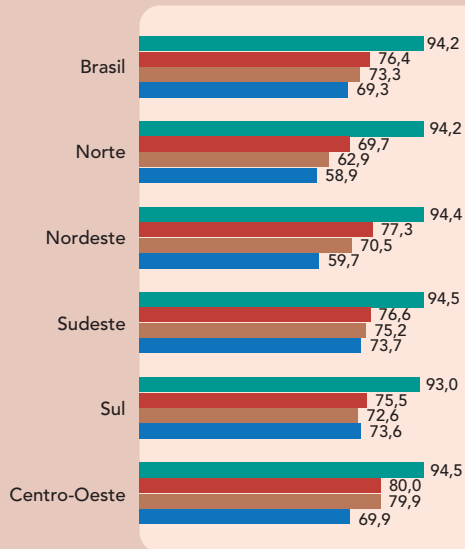
O confronto dos indicadores das populações masculina e feminina, no que concerne à finalidade do acesso à Internet, não mostrou diferenças marcantes, sendo que a mais perceptível foi a de assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes (77,8%, para os homens, e 75,1%, para as mulheres). O mesmo comportamento ocorreu nas Grandes Regiões.

Pessoas que acessaram a Internet, segundo as Grandes Regiões

Tipo de banda larga (%)



Finalidade de acesso à Internet (%)



- Enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de *e-mail*
- Assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes
- Conversar por chamadas de voz ou vídeo
- Enviar ou receber *e-mails* (correio eletrônico)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Motivo da não utilização da Internet

Os dois motivos mais apontados para a não utilização da rede – não sabiam usar a Internet (37,8%) e falta de interesse em acessar a Internet (37,6%) – abrangeram praticamente o mesmo percentual das 63 351 mil pessoas que não utilizaram a Internet no período de referência dos últimos três meses. O serviço de acesso à Internet era caro, indicado por 14,3% das pessoas que não utilizaram a Internet, foi o motivo seguinte, enquanto os demais ficaram abaixo de 6%.

Essas três justificativas para a não utilização da Internet também foram as que mais se destacaram nas Grandes Regiões, entretanto, as diferenças entre as duas primeiras foram mais expressivas nas Regiões Nordeste e Sudeste. Na Região Nordeste, as pessoas que não sabiam usar a Internet representaram a maior parcela, alcançando 40,0%, e as que alegaram falta de interesse em acessar a Internet, 32,2%, enquanto na Região Sudeste, a ordem foi invertida, pois os percentuais referentes a esses dois motivos foram, respectivamente, 35,8% e 43,6%.

Na população masculina que não utilizou a Internet, os dois motivos mais frequentes e destacados dos demais foram a falta de interesse em acessar a Internet, que compreendeu 38,9% desse contingente, e não sabiam usar a Internet, que abrangeu 35,6%. Eles também foram os mais indicados na população feminina, mas em ordem inversa: as mulheres que não sabiam usar a Internet representaram 39,9%, enquanto as que alegaram falta de interesse em acessar a Internet, 36,3%.

Acompanhando a distribuição das pessoas que não utilizaram a Internet por grupos etários, observou-se que as participações referentes aos dois motivos de razão econômica e ao de acessibilidade à Internet nos locais que costumavam frequentar foram declinando com o aumento da idade. Por outro lado, no caso da falta de interesse em acessar a Internet, a participação das pessoas que o indicaram foi crescente com o aumento da idade.

Quanto ao nível de instrução, cabe lembrar que o percentual de pessoas que não utilizaram a Internet é extremamente elevado no contingente sem instrução (88,8%), porém declina à medida que o grau de escolaridade aumenta, atingindo 2,9% entre as pessoas com ensino superior incompleto, e 4,3% entre aquelas com superior completo.

Dentre as pessoas que não utilizaram a rede, não sabiam utilizar a Internet foi o motivo indicado por 60,7% daquelas sem instrução. Esse indicador atingiu valores mínimos no contingente com ensino médio incompleto (13,7%) e superior incompleto (13,8%), influenciados, possivelmente, pelo fato de, nesses níveis incompletos, a concentração de estudantes ser mais elevada. Considerando o ensino superior completo, o percentual ficou em 20,9%.

O menor percentual de pessoas que indicaram a falta de interesse em acessar a Internet como motivo para não utilizá-la ocorreu no grupo sem instrução (24,4%), seguido pelo que tinha o ensino fundamental incompleto (37,3%), enquanto o maior percentual foi observado no grupo que tinha o superior completo (59,3%).

Pessoas que não utilizaram a Internet, por Grandes Regiões, segundo o motivo alegado

Motivo alegado	Pessoas que não utilizaram a Internet (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Não sabiam usar a Internet	37,8	33,7	40,0	35,8	39,3	39,5
Falta de interesse em acessar a Internet	37,6	31,3	32,2	43,6	41,3	39,8
Serviço de acesso à Internet era caro	14,3	11,8	16,0	14,1	13,0	11,5
Serviço de acesso à Internet não estava disponível nos locais que costumavam frequentar	5,5	16,0	6,2	2,5	3,6	4,7
Equipamento eletrônico necessário era caro	3,4	5,4	4,4	2,6	1,5	2,8
Outro motivo	1,4	1,7	1,2	1,5	1,3	1,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Posse de telefone móvel celular para uso pessoal

No País, 77,1% da população de 10 anos ou mais de idade tinha telefone móvel celular para uso pessoal. As distinções regionais também foram percebidas neste indicador: nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, a parcela das pessoas que possuíam telefone celular para uso pessoal já ultrapassou 80%, mas ainda não alcançou 70% nas Regiões Norte e Nordeste.

No País, o percentual de homens que tinham telefone móvel celular para uso pessoal (75,9%) foi ligeiramente menor que o das mulheres (78,2%). Essa diferença foi perceptível nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, mas irrelevante nas Regiões Sudeste e Sul.

Os aparelhos móveis celulares, inicialmente restritos à sua finalidade básica de telefonia, no decorrer do tempo, foram sendo desenvolvidos para agregar outras funções, ampliando as suas possibilidades de uso, dentre as quais a de acesso à Internet.

No contingente de 138 320 mil pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, 78,9% tinham acesso à Internet por meio deste aparelho.

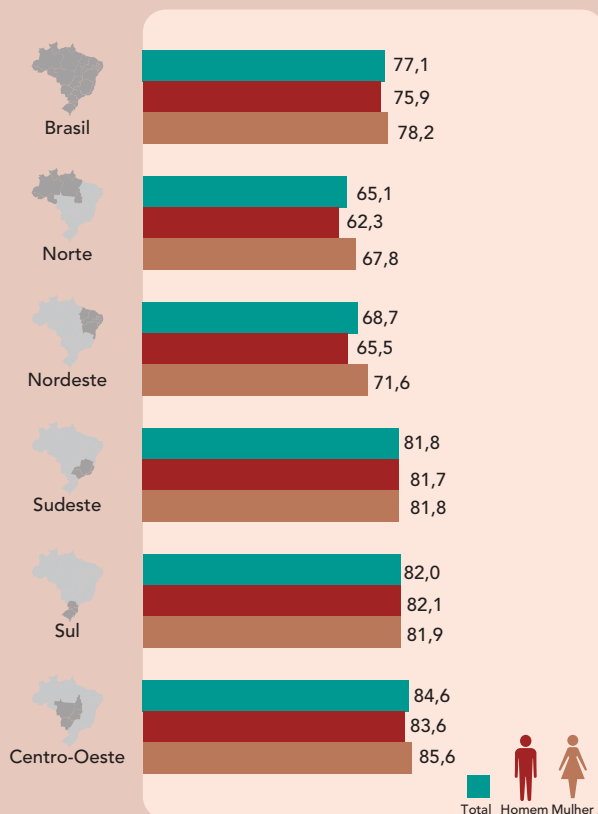
O percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal por grupos etários teve o seu mínimo na faixa de 10 a 13 anos (39,8%), subiu abruptamente na de 14 a 17 anos (70,0%) e prosseguiu em crescimento, alcançando maior representatividade entre os adultos jovens de 25 a 34 anos (88,6%) e de 35 a 39 anos (88,2%), passando, gradualmente, a declinar nos grupos seguintes, até atingir 60,9% entre os idosos de 60 anos ou mais de idade.

O confronto entre o percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal nos contingentes masculino e feminino, por grupos de idade, mostrou que, na faixa de 10 a 13 anos de idade, a proporção de mulheres (42,9%) começou superando de forma expressiva a dos homens (36,9%). Com o aumento da idade, porém, essa diferença foi diminuindo até haver inversão de posições no grupo de 60 anos ou mais de idade, quando o percentual masculino (62,3%) suplantou o feminino (59,8%).

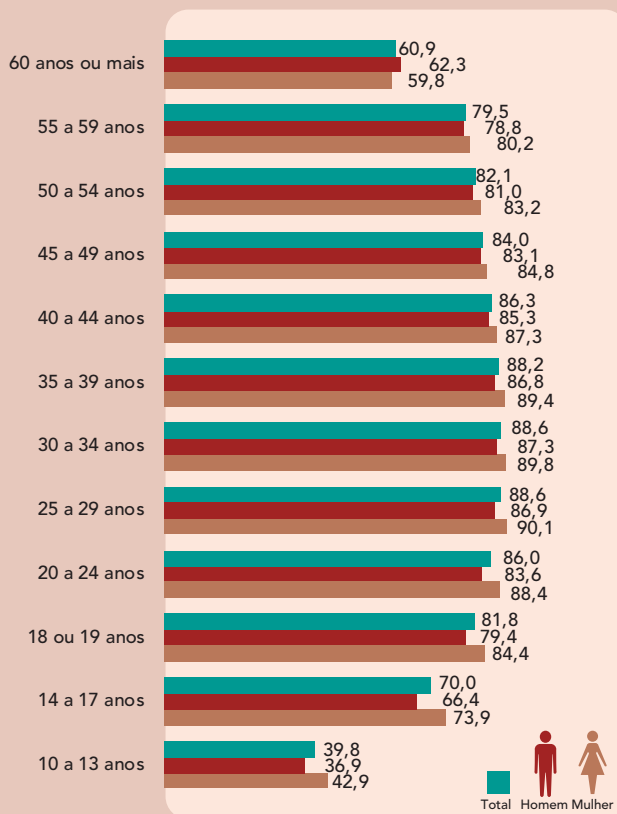
Pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, por sexo



Grandes Regiões (%)



Grupos de idade (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

No contingente de pessoas não estudantes, a parcela que tinha telefone móvel celular para uso pessoal alcançou 79,5%, superando a dos estudantes (68,0%). A desagregação por rede de ensino, entretanto, revelou que entre os estudantes da rede privada esse indicador alcançou 90,3%, enquanto entre os da rede pública ficou em 59,4%. Esse comportamento foi observado em todas as Grandes Regiões.

O percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal foi crescente, segundo a elevação do nível de instrução, com aumento expressivo até o ensino superior incompleto e acréscimo insignificante no superior completo. No grupo sem instrução, esse indicador situou-se em 43,6%, enquanto no grupo com ensino superior completo, atingiu 97,5%. Nas Grandes Regiões, o comportamento foi assemelhado.

Pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, por Grandes Regiões

Condição de estudante e a rede de ensino que frequentavam

Condição de estudante e rede de ensino que frequentavam	Pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total	77,1	65,1	68,7	81,8	82,0	84,6
Estudantes	68,0	51,2	59,4	74,9	75,9	74,1
Rede pública	59,4	43,4	52,0	66,3	68,4	66,7
Rede privada	90,3	87,0	85,3	92,0	93,9	91,5
Não estudantes	79,5	70,1	71,3	83,4	83,5	87,6

Nível de instrução

Nível de instrução	Pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total	77,1	65,1	68,7	81,8	82,0	84,6
Sem instrução	43,6	42,0	39,2	43,6	51,5	63,0
Fundamental incompleto	62,0	47,3	55,9	65,9	68,1	72,6
Fundamental completo	80,9	67,3	75,6	82,8	85,3	88,4
Médio incompleto	84,5	71,4	80,0	87,8	89,9	89,7
Médio completo	91,8	85,2	89,6	92,9	93,7	94,9
Superior incompleto	97,1	94,8	96,4	97,6	97,5	97,7
Superior completo	97,5	96,2	96,8	97,6	97,5	98,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Considerando a condição na ocupação da população de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência, verificou-se diferença marcante no percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal entre os contingentes ocupado (88,9%) e não ocupado (69,1%).

O acesso à Internet por meio da telefonia móvel celular é um recurso de comunicação e de obtenção de informação que vem sendo visto cada vez mais como integrante do cotidiano de um número crescente de pessoas.

A proporção de pessoas que tinham telefone móvel celular com

acesso à Internet, na população de 14 anos ou mais de idade que dispunha desse equipamento para uso pessoal, foi mais elevada no contingente ocupado (83,2%) que no não ocupado (71,1%). Esse mesmo comportamento ocorreu em todas as Grandes Regiões.

Considerando a posição na ocupação, constatou-se que a categoria dos trabalhadores familiares auxiliares deteve o menor percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal (64,3%). Essa proporção se situou em nível muito inferior à dos trabalhadores conta própria (83,2%), enquanto a dos empregados atingiu 91,3% e a dos empregadores, 96,6%.

Motivo de não ter telefone móvel celular para uso pessoal

No País, 41 104 mil pessoas não tinham telefone móvel celular para uso pessoal. Esse contingente representava 22,9% da população de 10 anos ou mais de idade.

Dentre os motivos alegados pelas pessoas para não terem telefone móvel celular para uso pessoal, os quatro que se destacaram, em conjunto, agregaram 88,2% das justificativas: o aparelho telefônico era caro (25,9%); falta de interesse em ter telefone móvel celular (22,1%); costumavam usar o telefone móvel celular de outra pessoa (20,6%); e não sabiam usar telefone móvel celular (19,6%). O percentual de pessoas em cada um dos demais motivos para não ter telefone móvel celular não alcançou 6%.

Nas Grandes Regiões, os motivos mais alegados para tal foram: o aparelho era caro, nas Regiões Norte e Nordeste; falta de interesse em ter telefone móvel celular, na Região Sudeste; e costumavam usar o telefone móvel celular de outra pessoa, nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Cabe ressaltar que, na Região Norte, a parcela que alegou que o serviço de telefonia móvel celular não estava disponível nos locais que costumavam frequentar representou 12,5%, enquanto nas demais não chegou a 5%.

Pessoas que não tinham telefone móvel celular para uso pessoal, por Grandes Regiões, segundo o motivo alegado

Motivo alegado	Pessoas que não tinham telefone móvel celular para uso pessoal (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Aparelho telefônico era caro	25,9	31,5	32,4	20,7	15,3	21,6
Falta de interesse em ter telefone móvel celular	22,1	15,2	18,2	28,8	24,5	17,1
Costumavam usar o telefone móvel celular de outra pessoa	20,6	20,1	18,8	19,6	26,8	27,6
Não sabiam usar telefone móvel celular	19,6	12,7	19,9	20,7	22,5	20,2
Serviço de telefonia móvel celular não estava disponível nos locais que costumavam frequentar	3,9	12,5	4,3	1,3	2,1	2,3
Serviço era caro	2,6	2,5	2,4	2,7	3,4	2,2
Outro motivo	5,3	5,4	3,9	6,1	5,4	8,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Expediente

Elaboração do texto

Diretoria de Pesquisas,
Coordenação de Trabalho
e Rendimento

Normalização textual

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações,
Gerência de Documentação

Projeto gráfico

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações,
Gerência de Editoração

Imagens fotográficas

Pixabay.com/pt
Agenciabrasilebc.com.br

Impressão

Centro de Documentação
e Disseminação de Informações,
Gráfica Digital

Se o assunto é Brasil,
procure o IBGE.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181



(21) 97385-8685



IBGE

Links



Tabelas de
resultados,
notas técnicas e
demais
informações
sobre a pesquisa

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=19937&t=sobre>>